

O sonho como negação e afirmação: Uma leitura nietzschiana do *Livro do Desassossego*

[The dream as negation and affirmation
A Nietzschean reading of *The Book of Disquiet*]

Song Hongze*

Palavras-chave

Fernando Pessoa, *Livro do Desassossego*, Friedrich Nietzsche, Apolíneo, Dionisíaco, Sonho.

Resumo

O presente trabalho analisa as representações negativas e afirmativas dos sonhos na relação entre o sujeito e o mundo no *Livro do Desassossego*. À luz da filosofia de Nietzsche, a negatividade manifesta-se em dois aspectos: o sonho pagão concretiza o niilismo nietzschiano através da sua depreciação dos valores tradicionais, especialmente do cristianismo; já o sonho como refúgio da alma opõe-se ao tédio e à dor da realidade por meio dos procedimentos estéticos e criativos do apolíneo, expressos em três variações principais: a cidade, a floresta e a literatura. Por outro lado, tal como Nietzsche nega para afirmar a vida na sua máxima intensidade, o sonho pessoano transcende a simples negação e conduz à afirmação plena do eu e do mundo, concretizando assim a evolução metafórica nietzschiana de camelo-leão-criança.

Keywords

Fernando Pessoa, *The Book of Disquiet*, Friedrich Nietzsche, Apollonian, Dionysian, Dream.

Abstract

This paper analyzes the negative and affirmative representations of dreams in the relationship between the subject and the world in *The Book of Disquiet*. Drawing upon Nietzsche's philosophy, negativity manifests itself in two ways: the pagan dream embodies Nietzschean nihilism through its depreciation of traditional values, particularly Christianity; while the dream as a refuge for the soul resists the boredom and pain of reality through the aesthetic and creative processes of the Apollonian, expressed in three main variations: the city, the forest, and literature. On the other hand, just as Nietzsche denies in order to affirm life in its highest intensity, Pessoa's dream transcends mere negation and leads to the full affirmation of the self and the world, thus fulfilling Nietzsche's metaphorical evolution of camel-lion-child.

* Universidade do Porto / Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (ILCML).

Sonhando sempre eu não tinha sonhado
Que n'esta vida sonha-se acordado,
Que n'este mundo a sonhar se vive!
(in LOPES, 1990: II, 150)

O sonho é um elemento crucial na poética de Fernando Pessoa.¹ Segundo José Gil, os heterónimos e o Pessoa ortónimo têm ritmos e expressões diferentes, mas partilham um tema: o intervalo entre o sonho e a realidade (GIL, 2013: 94). No caso do *Livro do Desassossego*, quando Vicente Guedes e Bernardo Soares, sofrem de tédio, cansaço e desassossego, podem sempre contar com um sonho para repousarem a alma, obterem a liberdade espiritual, conhecerem e reconstruírem a relação entre a subjetividade e o mundo. Neste sentido, não é desproporcionado considerar o *Livro do Desassossego* como um livro dos sonhos.

No presente trabalho, analisaremos os sonhos negativos e afirmativos na obra à luz das reflexões filosóficas de Friedrich Nietzsche, especialmente em *O Nascimento da Tragédia*, *A Gaia Ciência*, *Assim Falou Zaratustra* e nos fragmentos de *A Vontade de Poder*. O foco será a representação do cristianismo nos sonhos, as manifestações específicas do sonho, a relação entre o sonho pessoano e a realidade, e a importância dos sonhos para a vida e a subjetividade.

Estado da arte

Não há provas conclusivas da influência direta de Nietzsche em Pessoa (DIX, 2004: 141; FIANCO, 2018: 103), e as obras nietzschianas não aparecem no espólio material pessoano (BATISTA, 2014: 10), mas as ressonâncias entre os dois têm sido ricas e profundas. Jorge de SENA ([1959] 1984) foi um dos pioneiros no estudo dessa relação: em “O poeta é um fingidor (Nietzsche, Pessoa e outras coisas mais)”, destacou a afinidade entre ambos os escritores a partir do conceito de “fingimento”, após analisar o nietzschianismo de Álvaro de Campos no seu *Ultimatum*. Mais tarde, Eduardo LOURENÇO ([1988] 2016) propôs um estudo abrangente da aproximação entre Nietzsche e Pessoa, salientando certos conceitos, como os de moralidade e paganismo. Em *Pessoa e Nietzsche – Subsídios para uma leitura intertextual*, António AZEVEDO (2005) retomou esse estudo; merece nota especial o quarto capítulo, que trata das representações pagãs e dos traços transcendentalistas no *Livro do Desassossego*. Já em *Nietzsche e Pessoa – Ensaio* (2016), editado por Bartholomew Ryan, Marta Faustino e Antonio Cardiello, o ensaio de Cardiello representa uma referência relevante para a discussão sobre o paganismo no *Livro*, ao comparar o “regresso dos deuses” ao desafio lançado por Nietzsche ao cristianismo.

¹ Este artigo foi escrito no âmbito da investigação desenvolvida no Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, Unidade I&D financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia (UIDB/00500/2020 – <https://doi.org/10.54499/UIDB/00500/2020>), e financiado pelo programa de investigação do Camões – Instituto da Cooperação e da Língua, I.P.

No que diz respeito ao sonho no *Livro do Desassossego*, Paulo BORGES (2018) combinou perspectivas orientais e ocidentais, especialmente o conceito de “sonho lúcido” e o “yoga do sonho”, numa análise perspicaz das práticas de sonhar na obra. Já Carlos Conte NETO (2024) explorou a importância dos sonhos para a subjetividade e a superação da oposição entre realidade e sonho no *Livro*.

O presente trabalho, por sua vez, pretende analisar as representações negativas e afirmativas dos sonhos na relação entre o sujeito e o mundo no *Livro do Desassossego*, e revisitando, assim, a filosofia niilista nietzschiana.²

O sonho no *Livro*

O que significa sonhar no *Livro do Desassossego*? Diferentemente dos sonhos como experiências comuns, os sonhos pessoais têm um sentido ontológico neste texto. Na primeira fase, lemos:

De resto eu não sonho, eu não vivo. Sonho a vida real. Todas as naus são naus de sonho, logo que esteja em nós o poder de as sonhar. [...] Matar o sonho é matar-mo-nos. É mutilar a n[ossa] alma. O sonho é o que temos de realmente nosso, de impenetravelmente e inexpugnavelmente nosso. O Universo, a Vida – seja isso real ou illusão – é de todos, [...] Mas o que eu sonho ninguém pode vêr senão eu, ninguém a não ser eu possuir.

(PESSOA, 2021: 60)

Nesta passagem, o sonho revela-se como algo íntimo e imensamente vasto, ligado de forma profunda ao valor da vida: a vida vale a pena porque nos permite sonhar – sonhar, portanto, é viver.

A realidade, em comparação com os sonhos, afasta-se da vida e da subjetividade. No fragmento “Maneira de bem sonhar”, lê-se: “em todos os teus actos da vida-real, desde o de nascer até ao de morrer, tu não ages: és agido; tu não vives: és vivido apenas” (PESSOA, 2021: 83). O sujeito encontra-se, assim, numa posição passiva diante da realidade, submetido ao movimento impessoal e implacável da grande e horrível máquina da vida real, obrigado a seguir o seu ritmo de funcionamento. Nos sonhos, porém, realiza-se uma possibilidade de auto-libertação e de auto-completude. Quando “o sonho substitue tudo” (PESSOA, 2021: 99) e “substitui os meus sonhos a mim-proprio” (PESSOA, 2021: 98), o sonho revela-se como uma força poderosa: abre um espaço de ego absoluto, um palco da criatividade. Nesse sentido, acompanhamos Carlos Conte Neto ao considerar os sonhos no *Livro* como “uma espécie de devaneio, no sentido de divagar ou vaguear em pensamento”

² No que diz respeito ao *Livro do Desassossego*, há diferenças significativas entre as diversas edições, sobretudo quanto à seleção e à organização dos fragmentos. A escolha da edição pode influenciar de maneira considerável tanto o processo de análise quanto os resultados obtidos. Por isso, importa esclarecer que todos os fragmentos citados neste ensaio seguem a 4.^a edição organizada por Jerónimo Pizarro, publicada pela editora Tinta-da-china em 2021.

(NETO, 2024: 229). Mais do que um instrumento para encontrar, orientar ou moldar a subjetividade, o sonho torna-se o próprio Si-mesmo. Ou seja, adquire um estatuto ontológico: “cada pessoa é apenas o seu sonho de si-proprio” (PESSOA, 2021: 98). Por isso, os sonhos pessoanos no *Livro* não devem ser tomados como meras experiências fisiológicas do cotidiano: eles são, profundamente, outra coisa.

O impulso pagão do sonho

Os sonhos funcionam, muitas vezes, como uma força de resistência negativa diante da realidade. Para os sujeitos do *Livro*, a vida real apresenta-se como uma sucessão de sofrimentos espirituais: tédio, indiferença, nojo, vertigem e cansaço – afetos que Nietzsche descreve como “sintomas da *décadence*” (NIETZSCHE, 2011a: 449). O tédio diante do real é tão avassalador que parece dominar por completo os órgãos sensoriais, evoluindo para uma espécie de doença niilista: “Nessas tardes enche-me, como um mar em maré, um sentimento peor que o tédio mas a que não compete outro nome senão tédio – um sentimento de desolação sem lugar, de naufragio da alma inteira” (PESSOA, 2021: 384). A origem dessa angústia existencial é o declínio dos valores supremos representados pelo cristianismo, identificado por Nietzsche como a causa fundamental da crise da modernidade.

Quando, como uma noite de tempestade a que o dia se segue, o christianismo passou de sobre as almas, viu-se o estrago que, invisivelmente, havia causado; a ruína, que causára, só se viu quando elle passára já. Julgaram uns que era por sua falta que essa ruína viera; mas fora pela sua ida que a ruína se mostrára, não que se causára. [...] Começou, então, nas almas recentes aquella doença a que se chamou romantismo, aquella christianismo sem illuões, aquella christianismo sem mythos, que é a propria secura da sua essencia doentia.

(PESSOA, 2021: 197-198)

Na filosofia nietzschiana, a supremacia do cristianismo é prejudicial em dois sentidos: tanto pela sua persistência quanto pela sua queda. À medida que a crença coletiva se reduz, vêm à tona as ruínas e as misérias, já sem o falso consolo das trevas cristãs que antes as encobriam (NIETZSCHE, 2021: 198).

Em *A Vontade de Poder*, Nietzsche descreve algumas das características universais da decadência provocada por essa exposição: a perda da força de resistência aos estímulos; uma “despersonalização” associada à moral altruísta, que “tem na ponta da língua a compaixão”; e o desejo por um estado no qual o sofrimento já não exista – o que leva à valorização de estados inconscientes ou insensíveis (como o sono, o desmaio, etc.) em detrimento dos estados conscientes (NIETZSCHE, 2011a: 45). Essa última característica corresponde precisamente ao culto do sonho em ambos os semiheterónimos (Vicente Guedes, Bernardo Soares): ao primeiro, por exemplo, é possível associar esta afirmação: “Sem illusões, vivemos apenas do sonho, que é a illusão de quem não pode ter illusões” (PESSOA, 2021: 189).

Assim, nasce um sonho da índole pagã capaz de criar um impulso negativo que pode dissolver o monismo divino:

Para mim são eguaes, deuses ou homens, na confusão prolixa do destino incerto. Desfilam-me, neste quarto andar incognito, em successões de sonhos, e não são mais para mim do que foram para os que accreditaram nelles. [...] Marcham todos, e atraz d'elles marcham, sombras vazias, os sonhos que, por serem sombras no chão, os peores sonhadores julgam que estão assentes sobre a terra, [...] no exilio eterno dos reis, por os mendigos que occuparam os jardins da casa da derrota.

(PESSOA, 2021: 235)

A diferença entre a divindade e a humanidade é anulada no mundo de sonho. Uma ideia politeísta já é pagã, e este sonho demonstra uma rebeldia ainda mais forte contra a dignidade e o poder divinos: os deuses “desfilam” e “marcham” como alunos, soldados em formação ou passageiros numa estação de comboio.

Ora, há outras evidências da desvalorização do cristianismo em Pessoa – por exemplo, a representação de Deus como figura exploradora: os profetas e santos, perdidos na vacuidade do mundo, são apresentados como aqueles que Deus explora (PESSOA, 2021: 252); a minimização de Deus: Jesus Cristo “não foi nada no mundo”, e sua própria existência histórica é colocada em dúvida (PESSOA, 2021: 237); e a imagem de um Deus encarcerador: a vida é descrita como “uma canga abstrata de Deus” (PESSOA, 2021: 270), razão pela qual se manifesta o desejo de um satanismo que permita a fuga para fora de Deus (PESSOA, 2021: 293).

Steffen Dix interpreta essa destruição pagã como a segunda forma de niilismo em Nietzsche e em Pessoa – sendo a primeira o próprio cristianismo. Para o estudioso alemão, “a negação da existência de um Deus como único criado transforma o universo num lugar angustiante, sem leis, sem centro e sem orientação” (DIX, 2004: 149-150). De facto, a negação das tradições promovida pelo sonho em Guedes é ainda mais radical: rejeitam-se não apenas o Deus único do cristianismo, mas todas as formas de ideias supremas; não apenas a verdade absoluta da religião cristã, mas todos os valores existentes são anulados.

Por isso, essa depreciação estende-se a todas as crenças religiosas e às suas figuras divinas – incluindo os Manipansos dos negros, os deuses-bichos dos povos selvagens dos sertões, os símbolos figurativos dos egípcios, as divindades gregas, os deuses romanos, Mitra da mitologia indo-ariana e, sem dúvida, Jesus Cristo e seus múltiplos critérios (PESSOA, 2021: 235). Pessoa (ou Soares?) acrescenta ainda que o significado dessas figuras divinas é equivalente ao dos próprios seguidores que nelas creem. Além disso, essa índole pagã manifesta-se também numa dimensão metalinguística:

Umaz vezes o mesmo rhythmo da phrase exigirá Deus e não Deuses; outras vezes, impor-se-hão as duas syllabas de Deuses e mudo verbalmente de universo; outras vezes pesarão ao contrario as necessidades de uma rima intima[,] um deslocamento do rhythmo, um sobres-

salto de emoção e o polytheismo ou o monothismo amolda-se e prefere-se. Os Deuses são uma função do estylo.

(PESSOA, 2021: 316)

Nessa reflexão sobre as metodologias da criação literária, o abismo entre “Deus” e “deuses” é reduzido a um mínimo. Por um lado, todos os símbolos religiosos, tanto no monoteísmo quanto no politeísmo, são enfraquecidos, transformando-se em simples recursos estilísticos; por outro, o estatuto supremo de Deus é desvalorizado, ou seja, o estilo literário substitui a supremacia divina. De facto, essa oscilação já representa uma desconstrução tanto do critério monista quanto do essencialismo cristão.

Duas negações: radical e equitativa

A negação na primeira fase do *Livro do Desassossego* (atribuível, em parte, a Vicente Guedes) não se dirige apenas contra o cristianismo, mas também contra alternativas como o cientificismo, a moralidade, o coletivismo e o amor romântico. Para o sujeito heteronímico que emerge do *Livro*, o predomínio dos valores morais gera corrupção psicológica (PESSOA, 2021: 158), o amor romântico é visto como um produto extremo da influência cristã (PESSOA, 2021: 214), e aqueles que se dedicam ao bem da humanidade, lutam pela pátria ou se sacrificam pela continuidade da civilização são dignos de desprezo (PESSOA, 2021: 169). Esta busca obsessiva por substitutos de valores supremos é ironicamente chamada por Nietzsche de “progresso” (NIETZSCHE, 2011a: 45) e por Pessoa/Guedes de “trabalho destrutivo” (PESSOA, 2021: 192). Dessa forma, a estratégia para realizar essa negação exige uma desconstrução radical – que é, precisamente, o sonho.

Viver do sonho e para o sonho, desmanchando o Universo e recompondo-o, distrahidamente conforme mais apraza ao n[osso] momento de sonhar. [...] Ignorar a vida com todo o corpo, perder-se da realidade com todos os sentidos, abdicar do amor com toda a alma. [...] Fazer de tudo um absurdo e requintar em futeis todas as nossas estereis horas.

(PESSOA, 2021: 73-74)

Os sonhos, portanto, são anti-morais e máquinas do absurdo, conduzindo a consciência niilista ao seu ponto máximo, em que toda a ação é abandonada: “A acção desorienta-nos, em parte por incompetencia physica, ainda mais por inappetencia moral. Parece-nos immoral agir” (PESSOA, 2021: 173). Nesse sentido, o sonho pode ser entendido em termos de imanência. Por meio da criação de absurdos, o sonho rompe com a essência de diferentes formas, orientando o sentido da vida para o interior do corpo. Francisco Fianco, ao abordar o “abismo ontológico” do sujeito mutante no *Livro*, escreve: ‘Não havendo transcendência, não pode haver igualmente uma essência, seja dos sujeitos, seja dos objetos, para ser conhecida’ (FIANCO, 2018: 108). O sonho pode ser compreendido como uma representação desse abismo. Nos

sonhos, não existem nem convenções transcendentais nem ideias essenciais, mas apenas uma força espontânea do acaso.

A negação posterior, que se encontra na segunda fase do *Livro* e que poderia ser atribuível a Bernardo Soares, é mais equilibrada: o semi-heterónimo abandona parcialmente a figura de Deus, acreditando que a humanidade merece uma renúncia ainda maior:

Nasci em um tempo em que a maioria dos jovens haviam perdido a crença em Deus, pela mesma razão que os seus maiores a haviam tido – sem saber porquê. [...] Porisso nem abandonei Deus tam amplamente como elles, nem aceitei nunca a Humanidade. Considerei que Deus, sendo improvavel, poderia ser; podendo pois dever ser adorado; mas que a Humanidade, sendo uma mera idéia biologica, e não significando mais que a especie animal Humana, não era mais digna de adoração do que qualquer outra especie animal.

(PESSOA, 2021: 225)

Neste trecho, Bernardo Soares, como observador moderno e marginal, diagnostica com agudeza a falência das crenças herdadas. Não adere plenamente à descrença moderna nem compartilha o entusiasmo humanista por uma nova fé secular: mantém uma distância crítica tanto em relação a Deus quanto à ideia de Humanidade. A sua posição é de suspensão – entre uma divindade que, embora improvável, ainda poderia ser, e uma espécie humana que, reduzida ao seu estatuto biológico, não merece qualquer reverência. O sonho, nesse contexto, não é fuga nem rebeldia, mas uma forma de neutralidade ativa: um modo de integrar, na substância íntima do eu, as ruínas do sagrado, o descrédito da espécie e o acaso da existência. Soares não acredita, mas sonha — e sonhar é a sua forma de resistência e criação.

O sonho apolíneo como evasão

A negatividade do sonho pessoano também reside na sua função de refúgio contra sofrimento e tédio. O dia simboliza a realidade, que é percebida como prisão: “Um dos meus passeios prediletos, nas manhãs em que temo a banalidade do dia que vai seguir como quem teme a cadeia...” (PESSOA, 2021: 303). Por isso, o único desejo é fugir:

O meu desejo é fugir. Fugir ao que conheço, fugir ao que é meu, fugir ao que amo. Desejo partir — não para as Indias impossiveis, ou para as grandes ilhas ao Sul de tudo, mas para o lugar qualquer — aldeia ou ermo — que tenha em si o não ser este lugar.

(PESSOA, 2021: 381)

Contudo, viajar também é fonte de tédio e prisão, sendo apenas mais um sofrimento: “A ideia de viajar nauseia-me” (PESSOA, 2021: 443). Para Bernardo Soares, o movimento atualiza o tédio, tornando o sonho uma viagem ideal. No fragmento “A Viagem a Cabeça”, celebra-se precisamente esta possibilidade de viajar internamente para lu-

gares desconhecidos ou impossíveis (PESSOA, 2021: 247). O sonho é a evasão perfeita: “Mudem-me os Deuses os sonhos, mas não o dom de sonhar” (PESSOA, 2021: 239).

O sonho funciona também como método de evasão e de proteção da identidade individual contra a homogeneização imposta pela “era metálica dos barbaros” (PESSOA, 2021: 118). Trata-se aqui do “sonho de convalescer” (PESSOA, 2021: 249), capaz de engendrar novas realidades sem, no entanto, substituir a realidade original (PESSOA, 2021: 231). Este sonho aproxima-se mais do Apolíneo nietzschiano do que do mito platónico da caverna. Para Nietzsche, o platonismo inverte a relação entre realidade e ideia, subordinando a experiência sensível a uma estrutura abstrata e ilusória, em que o mundo das ideias se impõe sobre a realidade concreta (NIETZSCHE, 2011a: 297). Em contrapartida, no *Livro do Desassossego*, o sonho não pretende negar ou apagar o real. Embora surja como resposta ao sofrimento e ao tédio da existência, o sonho pessoano não destrói a realidade: antes, recria-a. A realidade permanece como matéria-prima essencial para a imaginação, como revela o seguinte excerto: “[...] o nome falso e o sonho verdadeiro criam uma nova realidade. O objecto torna-se realmente outro, porque o tornámos outro. Manufacturamos realidades. A matéria prima continua sendo a mesma, mas a forma, que a arte lhe deu, afasta-a efectivamente de continuar sendo a mesma (PESSOA, 2021: 342).

O sonho, portanto, não opera por substituição da realidade, mas por transfiguração. Ao invés de propor uma fuga ontológica, como no idealismo platónico, o sonho pessoano encena uma estética da metamorfose: mantém a matéria do real, mas altera-lhe a forma, tal como a arte transforma o mundo sem negá-lo. A convalescença a que alude Soares não é um apagamento do eu, mas um exercício de preservação e reinvenção subjetiva diante da brutalidade exterior. Sonhar é resistir à erosão da identidade num mundo que tende à padronização, criando variações interiores que protegem a singularidade. Nesse sentido, o sonho não é apenas evasão estética, mas gesto ético e ontológico – um modo de existir poeticamente no seio do desencanto.

Dessa forma, o sonho em Pessoa não nega o mundo sensível – transforma-o por meio da forma e da imaginação. Por um lado, enquanto as aparências na filosofia platónica se apoiam em valores absolutos como a “bondade” ou a “causalidade”, os sonhos pessoanos recusam qualquer vínculo com verdades transcendentais, ideais morais ou crenças religiosas. Por outro, a relação entre sonho e realidade em Pessoa não é de oposição, mas de coexistência paralela, interligada por uma lógica sensível e subjetiva. Bernardo Soares testemunha essa convivência ao afirmar: “Vejo as paisagens sonhadas com a mesma clareza com que fito as reais. [...] As figuras dos sonhos não são para mim iguais às da vida. São paralelas” (PESSOA, 2021: 292).

O mundo dos sonhos, em Pessoa, reconhece a presença da realidade e responde-lhe de forma articulada; da mesma maneira, a realidade repercute-se no sonho, num vaivém constante entre interioridade e mundo. Essa relação dinâmica é sintetizada por Soares ao afirmar: “Se penso, é porque divago; se sonho, é porque

estou desperto” (PESSOA, 2021: 350). Neste sonho fingidor e apolíneo, o sujeito não se dissolve – pelo contrário, afirma-se com nitidez, construindo-se por meio da imaginação e da consciência da sua própria ficção.

Em *O Nascimento da Tragédia*, Nietzsche caracteriza Apolo da seguinte forma:

Apolo, na qualidade de deus dos poderes configuradores, é ao mesmo tempo o deus divinatório. Ele, segundo a raiz do nome o "resplendente", a divindade da luz, reina também sobre a bela aparência do mundo interior da fantasia. A verdade superior, a perfeição desses estados, na sua contraposição com a realidade cotidiana tão lacunarmente inteligível, seguida da profunda consciência da natureza reparadora e sanadora do sono e do sonho, é simultaneamente o análogo simbólico da aptidão divinatória e mesmo das artes, mercê das quais a vida se torna possível e digna de ser vivida.

(NIETZSCHE, 1992: 29)

Esta afirmação do sujeito através do sonho aproxima-se da concepção nietzschiana do Apolíneo, entendida como forma de auto-limitação e aparência (*Schein*), cuja expressão mais característica é precisamente o sonho (NIETZSCHE, 1992: 28). Para Nietzsche, o sonho opera por meio da criação de “imagens semelhantes” (NIETZSCHE, 1992: 32), numa linha próxima do que Schopenhauer descreve como uma forma de salvação efêmera proporcionada pela experiência estética. No *Livro do Desassossego*, os sujeitos-heterónimos suspendem temporariamente a rigidez do real, reconstruindo-se num palco onírico onde assumem figuras outras – máscaras poéticas que libertam, ainda que momentaneamente, da prisão do quotidiano. São estas ‘viagens de sonho’ que tornam possível uma reinvenção da subjetividade sem negar a sua condição fragmentária.

Lisboa e os sonhos

O sonho como viagem necessita de um ponto de partida. Este ponto é Lisboa, especialmente a Rua dos Douradores. A cidade ocupa um lugar crucial na identidade dos sujeitos pessoanos:

Se houvesse de inscrever, no lugar sem letras de resposta a um questionário, a que influências literárias estava grata a formação do meu espírito, abriria o espaço ponteadado com o nome de Cesário Verde, mas não o fecharia sem nele inscrever os nomes do patrão Vasques, do guarda-livros Moreira, do Vieira caixeiro de praça e do António moço do escriptorio. E a todos poria, em letras magnas, o endereço chave LISBOA.

(PESSOA, 2021: 314)

O ajudante de guarda-livros num armazém de fazendas na Rua dos Douradores vive em profunda simbiose com Lisboa. Segundo o *Livro*, Soares frequenta restaurantes modestos, percorre as ruas da cidade, encontra refúgio nos cafés, conversa com o barbeiro e os moços de fretes, observando com minúcia cada gesto e cada transfor-

mação do espaço urbano. A cidade é cenário e substância da sua existência. Nos momentos de maior angústia, quando nem a bebida basta para amortecer a dor, até o criado do restaurante percebe a alteração no seu semblante e lhe deseja melhoras (PESSOA, 2021: 237). Tudo nele está entranhado na geografia afetiva e sensível de Lisboa.

A proximidade entre o sujeito e a cidade permite-lhe oscilar livremente entre o espaço interior e o exterior. Os sonhos projetam o seu universo íntimo sobre os recantos urbanos, fazendo de Lisboa o cenário das suas paisagens interiores:

Alastra ante meus olhos saudosos a cidade incerta e silente. [...] Ha telhados e noite, janellas e idade media. Não ha de que haver arredores. Paira no que se vê um vislumbre de longinquo. Por sobre de onde vejo ha ramos negros de arvores, e eu tenho o somno da cidade inteira no meu coração dissuadido. Lisboa ao luar e o meu cansaço de amanhã!

(PESSOA, 2021: 331)

O sono concede-lhe a faculdade de abstrair e subjetivar a cidade, convertendo-a numa “coleção privada” situada entre o real e o irreal. Nesse estado semi-desperto, os limites entre sonho e realidade esbatem-se, permitindo-lhe experimentar a cidade com a nitidez de uma imagem fotográfica: “Quando durmo muitos sonhos, venho para a rua, de olhos abertos, ainda com o rasto e a segurança deles. E pasmo do automatismo meu com que os outros me desconhecem” (PESSOA, 2021: 324). Essa nitidez dá origem a um espetáculo interior onde Soares se torna, ao mesmo tempo, ator e espectador de si mesmo:

Tenho uma especie de dever de sonhar sempre, pois, não sendo mais, nem querendo ser mais, que um espectador de mim mesmo, tenho que ter o melhor espectáculo que posso. Assim me construo a ouro e sedas, em salas suppostas, palco falso, scenario antigo, sonho creado entre jogos de luzes brandas e musicas invisiveis.

(PESSOA, 2021: 395-396)

Lisboa torna-se, assim, ponto de partida e de chegada numa viagem onírica em que o mundo interior se sobrepõe ao mundo exterior, conferindo-lhe uma espécie de soberania espiritual sobre a cidade.

Entre Apolo e Dioniso

O sonho apolíneo não é um privilégio exclusivo de Bernardo Soares. Em contraste com a intimidade urbana de Soares com Lisboa, os sonhos de Vicente Guedes revelam uma ligação mais profunda com a natureza, especialmente visível no trecho da “floresta do alheamento”. Guedes inicia este texto descrevendo um estado de consciência vacilante: “Sei que despertei e que ainda durmo” (PESSOA, 2021: 75). A combinação de cansaço e inconsciência ativa então uma arte do sonho peculiar:

N'um torpôr lucido, pesadamente incorpóreo, estagno, entre o somno e a vigília, n'um sonho que é uma sombra de sonhar. Minha atenção boia entre dois mundos e vê cegamente a profundidade de um mar e a profundidade de um céu; e estas profundezas interpenetram-se, misturaram-se, e eu não sei onde estou nem o que sonho.

(PESSOA, 2021: 75)

À medida que o sonho se desenvolve, surgem criaturas e elementos naturais – cedros, olaias, rosas, lírios, papoilas, violetas, camélias – todos vívidos, próximos e belos, compondo aquilo que Nietzsche descreve como a “bela aparência do mundo do sonho” (NIETZSCHE, 1992: 28). Mais do que um simples alívio passageiro do sofrimento humano, como propõe o esquecimento estético schopenhaueriano (SCHOPENHAUER, 2005: 246), o sonho de Guedes inscreve-se na dimensão apolínea, pois não apenas escapa ao real, mas também constrói uma nova ordem de sentido e de valor. A tranquilidade que daí resulta permite-lhe afirmar: “a vida se torna possível e digna de ser vivida” (NIETZSCHE, 1992: 29).

Por um lado, essa apreciação estética da paisagem natural conduz a uma reflexão sobre o vazio existencial, transformando o sonho num espaço de auto-conhecimento e de descoberta subjetiva: “Desconheciamo’-nos, como se houvessemos aparecido às nossas almas depois de uma viagem através de sonhos” (PESSOA, 2021: 77). Por outro, em vez de ser apenas uma fuga breve do tédio ou da angústia, o sonho converte-se numa tentativa de alcançar uma serenidade espiritual, marcada pela harmonia entre o humano e a natureza:

O movimento parado das arvores; o socego inquieto das fontes; o halito indefinível do rhythmmo intimo das seivas; o entradecer lento das cousas, que parece vir-lhes de dentro a dar mãos de concordância espiritual ao entristecer longinquo, e proximo á alma, do alto silencio do ceu...

(PESSOA, 2021: 78)

Com o aprofundamento desta fusão apolínea com a natureza, o sonho dá lugar a uma espécie de embriaguez dionisíaca, atingindo o ponto culminante na “loucura de sonho n’aquelle silencio alheio” (PESSOA, 2021: 80). A tensão desaparece, as angústias esvaem-se, e o sujeito reconhece que: “Nenhuma ancia nossa tem razão de ser” (PESSOA, 2021: 79).

É assim que, no seio da floresta do alheamento, emerge uma forma de negação absoluta: o vazio do mundo e de si mesmo é plenamente assumido. No entanto, esse reconhecimento não gera desespero, mas antes uma paz quase mística: “Dormimos alli acordados dias, contentes de não ser nada, de não ter desejos nem esperanças, de nos termos esquecido da côr dos amores e do sabor dos odios. Julgavamo’-nos immortaes...” (PESSOA, 2021: 79). O devaneio sonâmbulo termina, enfim, com uma meditação serena: “Não choremos, não odiemos, não desejemos...” (PESSOA, 2021: 82). O sonho, na sua potência de esquecimento e transfiguração, realiza uma negação do mundo que se revela afirmativa e libertadora.

Sonho sem sono

Para além das viagens oníricas pela cidade, pela floresta, o sonho pessoano realiza-se ainda noutra dimensão: a literatura. No *Livro do Desassossego*, encontram-se numerosos fragmentos que abordam metalinguisticamente a criação literária, refletindo sobre obras, conceitos e metodologias associadas à escrita, bem como sobre a relação intrínseca entre sonho e literatura: “Como ha quem trabalhe de tédio, escrevo, por vezes, de não ter que dizer. O devaneio, em que naturalmente se perde quem não pensa, perco-me eu nelle por escripto, pois sei sonhar em prosa” (PESSOA, 2021: 373).

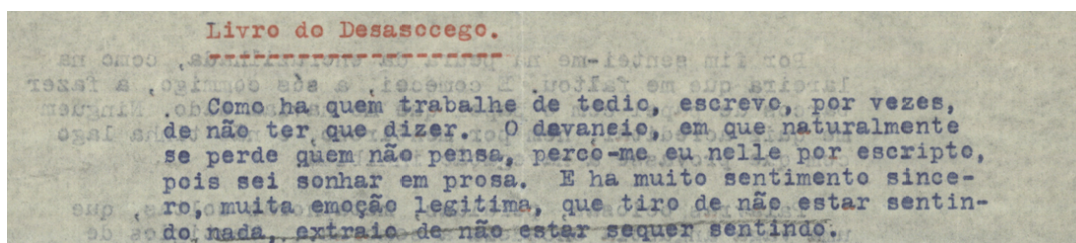


Fig. 1. Pormenor de um texto de 1931 (BNP/E3, 4-30°).

Tal como o sonho, a escrita é um método eficaz de resistência ao tédio quotidiano e um refúgio perante os sintomas da vida moderna. Escrever torna-se, assim, uma modalidade particular de sonhar.

Se a psicanálise freudiana afirma que os sonhos são a realização de desejos reprimidos, para Bernardo Soares a literatura desempenha papel semelhante: “Talvez porque a sensualidade real não tem para mim interêsse de nenhuma espécie – nem sequer mental ou de sonho –, transmutou-se-me o desejo para aquilo que em mim cria ritmos verbais, ou os escuta de outros” (PESSOA 2021: 400).

Neste contexto, a literatura configura-se como uma expressão privilegiada do desejo, substituindo o impulso físico pelo prazer gerado através das palavras. Além disso, tanto a escrita como a leitura estimulam um entusiasmo semelhante e igualmente satisfatório. A literatura apresenta-se, portanto, como uma forma acessível e consciente do sonho, em que as palavras assumem o papel de substitutas do desejo físico e dos sonhos em si mesmos. Por isso, no *Livro* celebram-se as palavras como entidades sensuais e concretas: “As palavras são para mim corpos tocáveis, sereias visíveis, sensualidades incorporadas” (PESSOA, 2021: 399-400).

A literatura – ou o “sonho de convalescer” – surge também como cura para a doença decadente da indiferença moderna. Soares confessa que não se emociona com os factos da vida, mas chora profundamente ao ler as palavras do Padre António Vieira sobre o Rei Salomão (PESSOA, 2021: 400). Assim, tal como deposita fé nos sonhos, Soares reconhece na literatura um poder restaurador igualmente profundo.

A literatura reveste-se, para ele, de um carácter apolíneo: uma realidade não contaminada pelo real imediato, transcendendo-o em beleza e vivacidade. Para Soares, os campos descritos pela linguagem são mais verdes do que os reais, e as flores

imaginadas têm cores mais vivas e duradouras (PESSOA, 2021: 360). É nessa “sono-lência sem sono” que as palavras lhe servem como veículo da sua melancolia: “Tudo, quanto escrevi, é pardo. Dir-se-hia que a minha vida, ainda a mental, é um dia de chuva lenta” (PESSOA, 2021: 362).

Deste modo, os fragmentos que redige constituem “a substância externa” do seu ser: “Ponho-as em palavras vadias, que me desertam desde que as escrevo, e erram, independentes de mim” (PESSOA, 2021: 363). Nesse espaço exterior criado pela linguagem, Soares examina a própria existência como quem contempla uma paisagem ou uma obra de arte. Tal como viaja nos sonhos pelo mundo interior, afirma: “Quando escrevo, visito-me solenemente” (PESSOA, 2021: 363).

Apesar da sua paixão pela língua portuguesa, considera a gramática um instrumento e não uma lei (PESSOA, 2021: 312). Esta atitude manifesta-se frequentemente no *Livro do Desassossego*, tanto na organização frásica como nas escolhas ortográficas. Para ele, a literatura é uma propriedade privada, e as regras gramaticais devem submeter-se à singularidade criativa do autor. Por isso, afirma: “Escrever é objectivar sonhos...” (PESSOA, 2021: 522). Neste sentido, a escrita configura-se como um sonho desperto e um outro refúgio existencial.

A cidade, a floresta e a literatura configuram as três principais variações do sonho pessoano. Apesar das suas diferenças, são equivalentes à luz do perspectivismo nietzschiano, pois derivam todas do impulso apolíneo de projeção da subjetividade no mundo. É assim que se formam fluxos entre o real e o irreal, onde o sonho se torna escritura e a literatura, um outro modo de habitar o mundo.

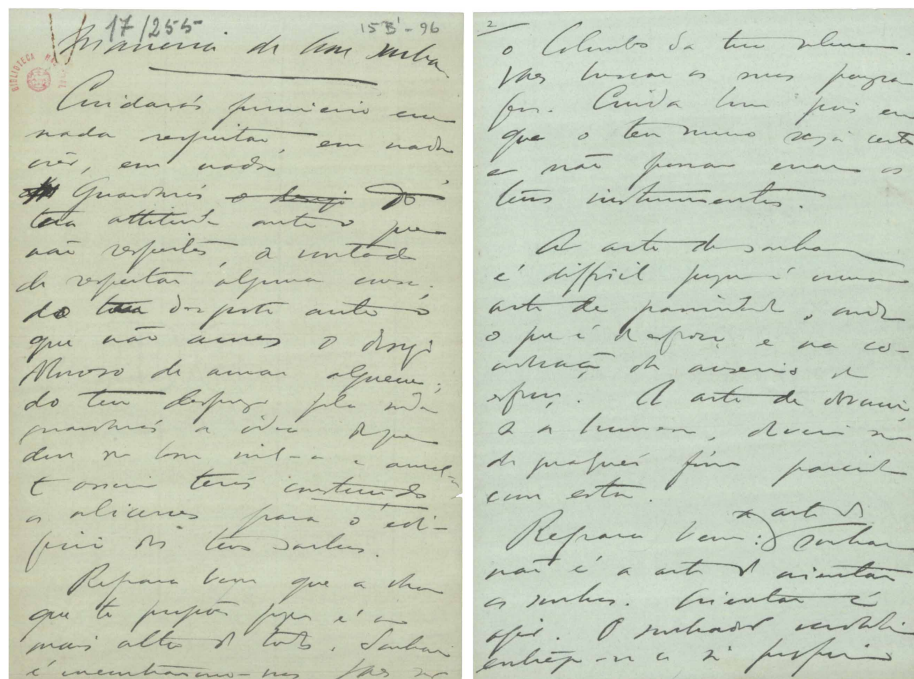
Como se coroa com um sonho?

No *Livro do Desassossego*, o sonho de índole negativa manifesta-se sob dois aspetos fundamentais: por um lado, como um paganismo que desvaloriza todos os valores, refletindo o niilismo advindo da morte de Deus; por outro, como um refúgio face ao tédio e ao sofrimento, sustentado por uma arte de feição apolínea. No entanto, assim como Nietzsche busca uma afirmação plena da vida por meio de discursos aparentemente negativos, também a fenomenologia pessoana do sonho tende a ultrapassar o negativo, apontando para uma forma de afirmação. Como já foi discutido, os sonhos não aspiram a substituir o mundo real de modo platónico, mas antes a criar uma realidade paralela, dotada de coerência e densidade próprias. Tanto que há um reconhecimento explícito da inutilidade do autoisolamento:

Mas a exclusão, que me impuz, dos fins e dos movimentos da vida; a ruptura, que procurei, do meu contacto com as cousas – levou-me precisamente áquillo a que eu procurava fugir. [...] Mas ao evitar esse contacto, isolei-me, e, isolando-me, exacerbei a minha sensibilidade já excessiva. Se fosse possível cortar de todo o contacto com as cousas, bem iria á minha sensibilidade. Mas esse isolamento total não pode realizar-se.

(PESSOA, 2021: 144)

A realidade não pode – nem deve – ser totalmente negada, pois é nela que reside a vida, o sentido do Dasein – é a própria terra. Ao observar uma multidão reunida numa praça para assistir a um equilibrista, Zaratustra exclama: “Eu vos imploro, irmãos, permanecei fiéis à terra e não acrediteis nos que vos falam de esperanças supraterras! São envenenadores, saibam-no eles ou não” (NIETZSCHE, 2011b: 12).



Figs. 2 e 3. Princípio de um texto de 1913 (BNP/E3, 15B1-96^r e 96^v).

Para Nietzsche, a transcendência não implica evasão da realidade, mas sim um regresso afirmativo a ela com todas as suas misérias e tragédias. Inspirado por esta força afirmativa, o sonho pessoano evolui de uma negação inicial para um nihilismo positivo:

Cuidarás primeiro em nada respeitar, em nada crêr, em nada ◇³. Guardarás da tua attitude ante o que não respeites, a vontade de respeitar alguma cousa; do teu desgosto ante o que não ames, o desejo doloroso de amar alguém; do teu desprezo pela vida guardarás a ideia de que deve ser bom viver-a e amar-a. E assim terás construído os alicerces para o edificio dos teus sonhos.

Repara bem que a obra que te propões fazer é a mais alta de todas. Sonhar é encontrarmos-nos. Vaes ser o Colombo da tua alma. Vaes buscar as suas paisagens. Cuida bem pois em que o teu rumo seja certo e não possam errar os teus instrumentos.

(PESSOA, 2021: 84)

Intitulado “Maneira de bem sonhar”, o texto citado revela que, para o autor do *Livro*, o verdadeiro modo de sonhar reside na criação de valores. Essa capacidade criadora

³ Este sinal é utilizado na edição crítica para indicar as lacunas no original.

assenta num estado intuitivo, despertado pelo próprio sonho, à semelhança da forma como, em Nietzsche, a vontade de poder irrompe a partir da embriaguez dionisiaca. O que os sonhos celebram, em última instância, é a própria vida – “a mais alta de todas”. Para Nietzsche, vontade de poder e vida são indissociáveis: “Este mundo é a vontade de poder – e nada além disso! E também vós mesmos sois essa vontade de poder – e nada além disso” (NIETZSCHE, 2011a: 51).

A força afirmativa do sonho permite atribuir novos valores à realidade: todos os obstáculos – “o teu desgosto”, “o desejo doloroso” – não enfraquecem a vida, mas operam como catalisadores da vontade de poder. Nietzsche proclama: “Il solo principio motore dell’uomo è il dolore. Il dolore precede ogni piacere. Il piacere non è un essere positivo” (NIETZSCHE, 2011a: 352). Nesse mesmo espírito, Pessoa (ou Guedes) afirma: “Pessimista – eu não o sou” (PESSOA, 2021: 59), e esclarece como o sonhador deve relacionar-se com a dor:

Porisso o segundo passo do sonhador deverá ser o evitar o sofrimento. Não deverá evital-o como um estoico ou um epicurista da primeira maneira – densificando-se, porque assim endurecerá para o prazer, como para a dôr. Deverá ao contrario ir buscar á dôr o prazer, e passar em seguida a educar-se a sentir a dôr falsamente, isto é, a ter ao sentir a dôr, um prazer qualquer. (PESSOA, 2021: 160)

Como sentir prazer na dor? Por meio de uma vontade dionisiaca que, a partir do sofrimento, engendra os seus próprios valores. Guedes propõe, então, a criação de um duplo: “Criar um outro Eu que seja o encarregado de sofrer em nós, de sofrer o que sofremos. Criar depois um sadismo interior, masoquista todo, que goze o seu sofrimento como se fosse de outrem” (PESSOA, 2021: 160-161). A dor, assim transformada, torna-se fundamento de poder e transcendência:

[...] quando uma dôr, sentida imediatamente, e sem demoras para estrategia intima, é analysada até á secura, collocada n’um Eu exterior até á tyrannia, e enterrada em mim até ao auge de ser dôr, então verdadeiramente eu me sinto o triumphador e o heroe. (PESSOA, 2021: 161)

Dessa transfiguração nasce o herói do absurdo: fiel a si mesmo, alheio ao critério moral, indiferente à coletividade, profundamente individualista. Um ser que encontra sentido no nada e age a partir do não-agir. Um imperador coroado pelos próprios sonhos: “Então eu tornei o irreal real e dei ao inatingível um pedestal eterno. Então fui eu, dentro de mim, coroado o Imperador.” (PESSOA, 2021: 162).

Ao analisar a poética materialista de Alberto Caeiro à luz do eterno retorno nietzschiano, Richard Zenith observa: “Alberto Caeiro, of all the personalities that welled out of Pessoa, was perhaps the only unequivocal Yes-sayer” (ZENITH, 2012: 15). Contudo, talvez esse juízo não seja inteiramente adequado para os fins aqui propostos: é possível identificar uma afirmação igualmente nítida nos sonhos do *Livro*

do *Desassossego*. Ao contrário de Caeiro, cuja afirmação se inscreve na percepção direta das singularidades do mundo, o sonho pessoano afirma-se como construção interior – uma forma de autoafirmação próxima do niilismo positivo nietzschiano.

Camelo, leão e criança

Bernardo Soares, o modesto ajudante de guarda-livros, descobre assim uma vontade sublime de viver na transcendência do sonho, autodenominando-se um dos “Reis de Sonho” (PESSOA, 2021: 426):

... e do alto da majestade de todos os sonhos, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa. Mas o contraste não me esmaga — liberta-me; e a ironia que ha nelle é sangue meu. O que devera humilhar-me é a minha bandeira, que desfraldo; e o riso, com que deveria rir de mim, é um clarim com que saúdo e crio a alvorada em que me converto. A gloria nocturna de ser grande não sendo nada!

(PESSOA, 2021: 347)

Em Bernardo Soares, observa-se um desenvolvimento particularmente elaborado da vontade dionisíaca, tal como descrita por Nietzsche em *Assim Falou Zaratustra*, onde o espírito atravessa três metamorfoses: camelo, leão e criança. O camelo representa o peso da tradição, da autoridade e da moralidade – um fardo suportado pelo sujeito num estado de cansaço e resignação: “Todas essas coisas mais que pesadas o espírito resistente toma sobre si: semelhante ao camelo que ruma carregado para o deserto, assim ruma ele para seu deserto” (NIETZSCHE, 2011b: 25). Embora esta seja ainda uma forma inferior de vitalidade, ela prepara o terreno para o surgimento do leão – o espírito libertador que abandona o “Tu deves” e afirma o “Eu quero!” (NIETZSCHE, 2011b: 26). Soares encarna essa força emancipatória ao declarar: “Não se subordinar a nada [...] Pertencer — eis a banalidade” (PESSOA, 2021: 348).

Nesse contexto, o sonho negativo funciona como o palco do leão: um espaço de renúncia às crenças religiosas, morais e racionalistas. Contudo, o leão, embora corajoso e iconoclasta, ainda não sabe criar. É então que surge a criança – símbolo de esquecimento, de espontaneidade e de criação. Quando Soares escreve: “Se medito, não penso. Nesses dias gosto muito dos jardins” (PESSOA, 2021: 305), ou ainda: “Esqueço. Não vejo, sem pensar” (PESSOA, 2021: 292), manifesta-se essa capacidade regeneradora. Os adultos, moldados por uma realização excessiva da razão, da memória e do pensamento, são prisioneiros de medos, ódios e paixões “absurdos e vãos” (PESSOA, 2021: 87). A criança, pelo contrário, encarna uma “arte de irrealizar” (PESSOA, 2021: 87), um pensamento lúdico e criador. Sonhar é precisamente essa arte da irrealização: uma viagem de regresso à infância, como sugere o autor ao perguntar: “Como sabeis que, viajando assim, não me rejuvenesço obscuramente?” (PESSOA, 2021: 86).

Importa sublinhar, contudo, que essa irrealização pessoana não implica uma suspensão platônica do mundo sensível, mas antes a superação da sombra niilista do cristianismo através da inocência infantil. Quando o real é substituído pelas ideias supra-sensíveis, sonhar torna-se, dialeticamente, a única forma de regressar à realidade. É com a sua “divina e absurda intuição infantil” (PESSOA, 2021: 87) que se pode realizar esse retorno à terra no espírito do eterno retorno – não como repetição mecânica nem como decadência, mas como abertura a novas possibilidades e reavaliação de todos os valores.

Assim, os antigos deuses estão mortos, e Pessoa consagra a criança como nova divindade. Como observa Eduardo Lourenço: “Daí a sua mitificação do espaço não dividido da sua infância (de sonho, como todas) como forma de reinvenção da infância imortal de todos os homens” (LOURENÇO, 1983: 164). A infância, em Pessoa, pode ser compreendida não apenas de forma edipiana, mas também metafísica: a criança é o germe do super-homem nietzschiano — não aquela que nega violentamente, mas aquela que esquece e recia. Eis a lógica da evolução afirmativa do sonho pessoano.

Considerações finais

Podemos, assim, identificar duas expressões fundamentais do sonho pessoano no *Livro do Desassossego* e a sua passagem da negação à afirmação: o sonho de índole pagã, que desconstrói o cristianismo e os valores herdados da tradição metafísica ocidental, expressando um niilismo ativo à maneira de Nietzsche, em que o declínio dos antigos deuses se converte numa possibilidade de criação; e o sonho de convalescer, que funciona como um refúgio apolíneo diante do tédio e da fadiga existencial, oferecendo abrigo em formas simbólicas recorrentes: a cidade como labirinto interior, a floresta como espaço de fuga e reintegração, e a literatura como território de reinvenção ontológica.

A partir dessas duas modalidades, emergem os “Reis de Sonho”, figuras que, movidas por uma força dionisíaca subterrânea, reacendem a vontade de viver e encarnam a metamorfose espiritual delineada por Nietzsche: do camelo que suporta o fardo, ao leão que se liberta, até à criança que cria – símbolo de uma inocência futura e de uma potência regeneradora. O sonho, nesse percurso, torna-se uma prática de liberdade interior e de afirmação da existência.

Fernando Pessoa é um estrangeiro – um *étranger étrange* — e os seus sonhos não cabem nos contornos habituais do termo: são uma categoria existencial, uma estratégia de habitar poeticamente o mundo. Bernardo Soares, seu semiheterónimo, herda essa alma errante, esse exílio interior. Face à vulgaridade e à decadência da modernidade, busca no sonho um gesto de resistência criativa, uma forma de preservar a integridade da alma sem negar a realidade, mas transfigurando-a. Sonhar, para ele, é responder à desumanização com imaginação, à morte de Deus com reinvenção simbólica, à ruína dos valores com flores que brotam do vazio.

Neste sentido, o sonho no *Livro do Desassossego* é simultaneamente ontológico e metodológico. Não se trata de fuga nem de nostalgia, mas de um modo de ser: um exercício de criação contínua que se recusa tanto ao realismo banal quanto ao idealismo transcendente. Os sonhos pessoanos não imitam, não substituem nem fragmentam a realidade: são, antes, uma forma de transcendê-la de dentro, como quem transforma a matéria gasta da existência em linguagem viva. Para Guedes e Soares, ambos niilistas nietzschianos, o mundo é nada – e, no entanto, os sonhos florescem nesse nada. Eis o milagre pessoano: fazer da irrealidade um gesto de fidelidade à terra, da fragmentação uma forma de inteireza, e do desassossego uma arte de viver.

Bibliografia

- AZEVEDO, António (2005). “Da ‘Morte de Deus’ ao Transcendentalismo”. *Pessoa e Nietzsche – Subsídios para uma leitura intertextual de Pessoa e Nietzsche*. Lisboa: Instituto Piaget, pp. 107-133.
- BATISTA, Francisco Lobo (2014). *Nietzsche e Pessoa – Um diálogo trágico entre filosofia e literatura*. Dissertação de Mestrado. Belém: Universidade Federal do Pará.
- BAUDELAIRE, Charles (2009). *O Pintor da Vida Moderna*. Tradução de Teresa Cruz. Lisboa: Nova Vega.
- BORGES, Paulo (2018). “A vida como sonho. Rer o *Livro do Desassossego* à luz do ‘sonho lúcido’ e do ‘yoga do sonho’.” *Educação e Filosofia*, vol. 32, n.º 66, Uberlândia, pp. 1335-1366. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/revedfil.issn.0102-6801.v32n66a2018-18>
- BRANCO, Maria João Mayer (2016). “Notas sobre a ‘estética não-aristotélica’ de Nietzsche e Pessoa”. *Nietzsche e Pessoa – Ensaios*. Edição de Bartholomew Ryan, Marta Faustino e Antonio Cardiello. Lisboa: Tinta-da-china, pp. 299-319.
- CARDIELLO, Antonio (2016). “O devir-pagão e o regresso aos deuses”. *Nietzsche e Pessoa – Ensaios*. Edição de Bartholomew Ryan, Marta Faustino e Antonio Cardiello. Lisboa: Tinta-da-china, pp. 105-128.
- DIX, Steffen (2004). “Pessoa e Nietzsche. Deuses gregos, pluralidade moderna e pensamento europeu no princípio do século XX.” *Clio*, vol. 11, n.º 2, Lisboa, pp. 139-174. <http://hdl.handle.net/10451/41444>
- FIANCO, Francisco (2018). “Nietzsche e Fernando Pessoa. Perspectivismo e heteronímia na (des)construção do sujeito.” *Terra Roxa e Outras Terras: Revista de Estudos Literários*, vol. 36, Londrina, pp. 99-111. <https://doi.org/10.5433/1678-2054.2018v36p99>
- FREUD, Sigmund (2018). *A Interpretação dos Sonhos*. Tradução de Walderedo Ismael de Oliveira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- GIL, José (2013). *Cansaço, Tédio, Desassossego*. Lisboa: Relógio D’Água.
- LOPES, Teresa Rita (1990). “Sonho”, *Pessoa por Conhecer*, vol. II, *Textos para um novo mapa*. Lisboa: Estampa, p. 150. [cf. p. 494: “[Textos] 106-111. Estes textos foram publicados por Pedro da Silveira na *Revista da Biblioteca Nacional*, vol. 3, n.º 3, Setembro-Dezembro, 1988, pp. 113, 117, 118, 119 e 121. Foram, contudo, por mim anteriormente divulgados (leitura e projecção de diapositivos) nas Jornadas Pessoaanas, Teatro S. Luís, 11-12 de Junho de 1988.”].
- LOURENÇO, Eduardo (2016). “Nietzsche e Pessoa”. *Nietzsche e Pessoa – Ensaios*. Edição de Bartholomew Ryan, Marta Faustino e Antonio Cardiello. Lisboa: Tinta-da-china, pp. 31-46. [1.ª ed.: Paris: Librairie Seguer, 1988].
- ____ (1983). *Poesia e Metafísica. Camões, Antero, Pessoa*. Lisboa: Sá da Costa.
- NETO, Carlos Conte (2024). “Viver é embeber-se em sonho. Uma análise do sonho no *Húmus* e no *Livro do Desassossego*.” *Revista Desassossego*, vol. 16, n.º 32, São Paulo, pp. 227-242. Veja-se: <https://doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v16i32p227-242>
- NIETZSCHE, Friedrich (2011a). *A Vontade de Poder*. Tradução de Marcos Fernandes e Francisco Moraes. Rio de Janeiro: Contraponto.
- ____ (2011b). *Assim Falou Zaratustra*. Tradução de Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Editora Companhia das Letras.
- ____ (2000). *A Gaia Ciência*. Tradução de Alfredo Margarido. Lisboa: Guimarães Editores.
- ____ (1992). *O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo*. Tradução de J. Guinsburg. Rio de Janeiro: Editora Companhia das Letras.
- PESSOA, Fernando (2021). *Livro do Desassossego*. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Tinta-da-china. 4.ª ed.
- SCHOPENHAUER, Arthur (2005). *O Mundo como Vontade e como Representação*. Tradução de Jair Barboza. São Paulo: Editora Unesp.
- SENA, Jorge de (1984). “O poeta é um fingidor (Nietzsche, Pessoa e outras coisas mais)”. *Fernando Pessoa & Cª Heterónima. Estudos Coligidos 1940-1978*. Lisboa: Edições 70, pp. 116-143. [1.ª ed.: Salvador: IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, 1959].

ZENITH, Richard (2012). "Nietzsche and the Super-Pessoa". *Pessoa in an Intertextual Web. Influence and Innovation*. David G. Frier (ed.). New York: Modern Humanities Research Association and Routledge, pp. 10-31.

SONG HONGZE é doutorando em Estudos Literários, Culturais e Interartísticos na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde desenvolve um projeto sobre a relação entre Fernando Pessoa e as filosofias chinesas, integrado no Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (ILCML) e apoiado pelo programa de investigação do Camões – Instituto da Cooperação e da Língua, I.P. É licenciado em Estudos Portugueses pelo Departamento de Português da Universidade de Macau e concluiu o mestrado em Estudos Literários e Culturais na mesma instituição. No campo dos estudos sobre Pessoa e Nietzsche, publicou “O esquecimento triunfal e derrotado: Álvaro de Campos e a filosofia nietzschiana do esquecimento” (2024).

SONG HONGZE is a PhD candidate in Literary, Cultural and Interarts Studies at the Faculty of Arts of the University of Porto, where he is developing a project on the relationship between Fernando Pessoa and Chinese philosophies, as part of the Margarida Losa Institute for Comparative Literature (ILCML), with support from the research programme of Camões – Institute for Cooperation and Language, I.P. He holds a degree in Portuguese Studies from the Department of Portuguese at the University of Macau, where he also completed a Master's in Literary and Cultural Studies. In the field of Pessoa and Nietzsche studies, he published “Triumphant and Defeated Forgetting: Álvaro de Campos and the Nietzschean Philosophy of Forgetting”.